



## Dança e experiência estética: a extensão universitária em cena

Neusa Dendena Kleinubing<sup>1</sup> - neusadk@gmail.com

Deizi Domingues da Rocha<sup>2</sup> - deizirocha@unochapeco.edu.br

### **RESUMO**

Este texto apresenta resultados de intervenções realizadas junto aos professores do ensino especializado e da rede pública estadual de ensino, tendo por objetivo promover espaços de vivências e discussões sobre a dança. O estudo foi desenvolvido a partir dos pressupostos da pesquisa-ação. As ações ocorreram no período de maio a outubro de 2011, envolvendo cinco instituições, três no âmbito do ensino especializado para o trabalho com pessoas com deficiência e duas escolas da rede estadual de ensino. A análise dos dados sinalizou que as oficinas contribuíram para um processo de construção de um novo olhar para o corpo com deficiência e para a dança, e que essa prática pode sensibilizar para a beleza de todos os corpos, nas suas singularidades e potencialidades.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Extensão universitária. Experiência Estética. Dança. Diversidade.

### **ABSTRACT**

This paper presents results of interventions with teachers of specialized education and state public school system, aiming to promote spaces of experiences and discussions on dance. The study grew of the action search. The actions took place from May to October 2011 involving five institutions, three in the specialized education to work with people with disabilities and two

1 Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e docente do curso de Educação Física da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó.

2 Mestre em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó e docente do curso de Educação Física nesta instituição.

schools in the state schools. Data analysis indicates that the workshops contributed to a process of building a new look at the body with disabilities and to dance, and that this practice can raise awareness of the beauty of all bodies, in their uniqueness and potential.

## **KEYWORDS**

University extension. Aesthetic experience. Dance. Diversity.

## 1 Introdução

Há tempos temos acompanhado diferentes discussões em torno do papel da extensão universitária no processo de formação acadêmica e como prática que aproxima sociedade e universidade. Melo Neto (2003, p.15) aponta que o trabalho da extensão “se volta à produção do conhecimento novo, dando um papel também social a esse produto da atividade extensionista”.

Nesse sentido, a extensão universitária não é vista como prática esporádica na qual o conhecimento produzido na academia é repassado à comunidade, mas sim como um processo no qual universidade e comunidade “conversam”, como um processo fundamentado na relação teoria-prática e na possibilidade de troca de saberes entre os atores acadêmicos – docentes e estudantes – e os atores que compõem o público-alvo da ação extensionista, sinalizando as demandas existentes na sociedade.

Nesse processo, o projeto de extensão Contradança, alicerçado pelos princípios da educação estética, preconiza a dança como possibilidade de todos os corpos, visando, por meio dessa arte, contribuir para o processo de emancipação dos sujeitos. Iniciando suas ações em 2009, o objetivo foi divulgar uma proposta de dança que “foge aos padrões” e contribuir para a formação de um novo olhar para as pessoas com deficiência. O projeto teve grande repercussão nas instituições de ensino especializado e nas escolas da rede regular que assistiram à mostra de dança, realizada naquele ano, no município de Chapecó, estado de Santa Catarina. A partir disso, em 2010 o projeto propôs oficinas de dança nas quais crianças, adolescentes e adultos com deficiência dançaram conjuntamente com escolares e professores da rede regular de ensino. Este foi um momento ímpar, que possibilitou visualizar a necessidade de ações do projeto Contradança também nesse contexto.

Assim, fortalecidos pelas experiências anteriores, em 2011 ousamos propor atividades que envolvessem diretamente os professores, tanto do ensino especializado quanto do ensino regular. Entendemos que em tempos de escola inclusiva, oferecer subsídios para que os professores vivenciem e reflitam sobre o “corpo diferente” que chega à escola é de fundamental importância, afinal, são eles os mediadores entre o sujeito e o conhecimento a ser adquirido ou produzido. Assim, tentar compreender melhor que corpo é esse, como é possível a ele sentir, perceber e aprender é condição primeira para que o processo de formação aconteça.

Nesse sentido, o foco das ações foi promover junto aos professores espaços de vivências e discussões por meio da dança, refletindo sobre esta prática e sua relação no processo de formação humana e de (re)conhecimento da diversidade. Para isso foram realizadas oficinas de dança nas quais os professores puderam experimentar a dança como possibilidade estético-expressiva.

Na sequência, apresentamos o caminho metodológico traçado nessa ação e os resultados obtidos com relação às percepções dos professores sobre a experiência.

## 2 Caminho metodológico

As ações deste estudo foram organizadas seguindo a perspectiva da pesquisa-ação, conforme apresenta Thiollent (2007). Segundo o autor, esse modo de fazer e pensar as intervenções deve estar de acordo com as exigências próprias da ação e participação dos sujeitos envolvidos na situação pesquisada.

As ações do projeto Contradança ocorreram no período de maio a outubro de 2011, envolvendo cinco instituições, três no âmbito do ensino especializado para o trabalho com pessoas com deficiência e duas escolas regulares da rede estadual de ensino. Estas foram escolhidas por apresentarem um grande número de crianças e adolescentes com deficiência incluídos no sistema de ensino. As oficinas aconteceram em quatro momentos distintos e cerca de 130 professores participaram das atividades. O trabalho foi organizado de acordo com os seguintes passos:

- *Diagnóstico Situacional*: realizado no primeiro encontro, consistiu em conhecer e descobrir as expectativas dos envolvidos, a partir das suas experiências vividas e leituras sobre dança e diversidade. Anteriormente ao encontro, foi disponibilizado aos envolvidos um texto o qual apresentava os objetivos e os elementos teóricos que fundamentam a ação do projeto Contradança.
- *Vivências Práticas*: realizadas em todos os encontros, foram caracterizadas pela ação das atividades planejadas, objetivando a vivência, experimentação e criação em dança com foco no (re) conhecimento das possibilidades corporais, de forma individual e coletiva, possibilitando aos sujeitos envolvidos usufruírem da dança na perspectiva da educação estética, qual seja, dançar para ampliar as potencialidades humanas e (re)descobrir a beleza em todo movimento de dança, em todo corpo que dança, independentemente da sua condição corporal. As atividades práticas foram elaboradas a partir do diagnóstico situacional, das falas e do envolvimento dos professores ao longo dos encontros.
- *Grupos de diálogos*: ao final de cada encontro, o grupo reunia-se para discutir e refletir sobre as situações vivenciadas, tentando visualizar as possíveis implicações pedagógicas dessas vivências.

As reflexões que apresentamos neste texto foram construídas a partir dos dados obtidos por meio do questionário entregue aos participantes no final do terceiro encontro, com questões relativas aos momentos até então vivenciados. Os questionários foram respondidos de forma espontânea/voluntária, sem identificação pessoal, apenas da instituição de trabalho. É importante ressaltar que embora professores (gênero masculino) tenham participado das oficinas, somente professoras devolveram o questionário respondido. A discussão a seguir apresenta e reflete sobre as questões mais significativas de cada encontro apontadas pelas professoras.

### 3 Resultados e discussão

#### 3.1 1º Encontro: no movimento da dança de todos os corpos

Falamos de um “ser corpo” que estabelece relações, que dialoga com os outros, que nos faz seres humanos com necessidades singulares. É por meio do corpo que elaboramos um viver com sentido e significado de ser e estar no mundo e compreendemos e nos constituímos sujeitos em movimento pela/na vida. Por meio do corpo somos, estamos, interagimos com o mundo, revelamos nossa subjetividade.

Pensando a dança como uma vivência possível a todos os corpos, no primeiro encontro com os professores buscamos vivenciar e, posteriormente, discutir essa possibilidade para saber o que foi mais significativo (Figura 1).



Figura 1: Registro do 1º encontro – Dança de/para todos os corpos.

Fonte: Dados desta pesquisa.

A professora B (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – Apae)<sup>3</sup> afirmou: “o nosso corpo fala independente de qual o grau de movimento”. Essa ideia remete à discussão de Gonçalves (1994), quando assinala que o corpo-sujeito, ao se-movimentar<sup>4</sup>, está em constante relação com o mundo, no qual todo movimento tem seu significado próprio a cada instante em que surge, estabelecendo um novo diálogo pessoal e próprio do homem com o mundo. A professora B (Centro Associativo de Atividades Psicofísicas Patrick – Capp) afirmou que “este foi o momento em que pude experimentar o meu próprio corpo e perceber as tantas possibilidades que no dia a dia passam despercebidas. Consegui expor minhas possibilidades”. A professora E (Capp) afirmou que esse momento possibilitou “ver que cada pessoa tem um jeito de se expressar e interagir com o outro. Que cada um tem possibilidades diferentes para movimentar o corpo, de descobrir novas maneiras”.

Essas respostas ajudam a entender a ideia apresentada por Merleau-Ponty (1999), o qual afirma que é por meio do corpo que elaboramos um viver com sentido e significado de ser e estar no mundo e é por sermos corpos-sujeitos que atuamos para/na (trans)formação da vida, da nossa existência. Assim, por meio do corpo somos, estamos e interagimos.

Segundo Teixeira (2003, p.73):

Um corpo é de uma singularidade impressionante. O corpo pode lembrar ou ser muito parecido com o de alguém ou de outros, mas nunca é igual, até porque sua instância básica na dimensão espacial e temporal, da presença do aqui e agora, é moldada e atualizada a todo o momento. Ter consciência (capacidade de saber) e emoção (capacidade de sentir) também é singular (...). Especificamente na prática da conscientização do movimento tratamos de um corpo que sabe que sente, sabe que existe e sabe que sabe que existe e sente.

Em suas respostas, algumas participantes fizeram menção à ideia apresentada por Teixeira (2003), como escreve a professora E (Associação dos Deficientes Visuais do Oeste de Santa Catarina – Adevosc): “o mais significativo foi a questão de nos descobrirmos como sujeitos, como um corpo que fala, que se expressa, e de que não há barreiras, limites para o corpo dançar”. Ou ainda, que “esse primeiro momento serviu para desmitificar o conceito de dança, vendo-a a partir deste momento como possibilidade de todos os corpos” (professora X – Apae). Nessa perspectiva, podemos pensar que a dança se configura enquanto manifestação humana possível de modificações e inserção de novos conhecimentos baseando-se nas experiências e possibilidades de cada “ser”. O corpo que dança tem o privilégio de agir e provocar mudanças instituindo estados de movimento que inauguram um processo dialógico com o outro e com o mundo que o cerca.

Assim, o corpo e o movimento são condições *sine qua non* para viver a corporeidade na totalidade humana de ser, estar e sentir-se corpo (ROCHA, 2008). Ou, ainda, como argumenta Trebels (2006), no corpo entendido como totalidade humana que abarca aspectos tanto biológicos quanto sociais e culturais, o movimento adquire uma importância fundamental, pois vislumbra principalmente “a figura” do sujeito na ação corporal. Assim, “a capacidade humana de se movimentar ganha, então, uma dimensão existencial como forma singular e original de relação com o mundo: esta relação ‘existir-para-o-mundo’, a que todos nós pertencemos” (TREBELS, 2006, p.34). Entendemos, assim, que a dança, fenômeno que se mostra com o corpo-sujeito em movimento, agrega sentidos e significados atribuídos ao mundo vivido.

Várias respostas dadas pelas professoras convergiram para essa perspectiva: “Todos (corpos com deficiência ou sem deficiência) podem dançar e dança não é uma atividade mecânica, precisa ser contextualizada, construída e que tenha significado” (professora D – Adevosc); “independente deste corpo ser diferente (gordinho ou magro, com deficiência ou sem) existe um ser que tem potencial a ser explorado” (professora I – Adevosc); e, ainda, conforme escreveu a professora A (Capp), “todo corpo pode dançar. Não há barreiras para o corpo dançante”.

A dança, no entendimento da professora S (Apae), torna-se “uma linguagem de expressão singular de cada um”. Essas falas remetem a pensar a dança, segundo aponta Rosa (2008, p.63), como

3 Todas as falas serão apresentadas desta forma: uma letra para identificar a professora e entre parênteses a sigla da instituição à qual está vinculada.

4 Expressão cunhada por Elenor Kunz, ao se referir que o mais importante é perceber o “sujeito que se movimenta” e não, primordialmente, o movimento do sujeito. Na dança, essa ideia se traduz em valorizar o sujeito, sua singularidade, sua condição corporal (que é única) em movimento e não uma forma do movimento predeterminada.

uma predisposição “a conhecer as habilidades e limitações do corpo, é procurar compreender a linguagem, os hábitos e a cultura que vão ao longo do tempo sendo registrados no corpo de cada um de nós”.

As reflexões trazidas pelas professoras fazem pensar que as experiências corporais possibilitam um saber-sentir pelo/no movimento, permitindo que o corpo-sujeito atue com o “poder” de ir além de simplesmente fazê-lo, mas sim senti-lo e percebê-lo como forma de comunicação e expressão de singularidades, nem melhores, nem piores, apenas humanas.

### 3.2 2º Encontro: a dança e a possibilidade de (re)conhecimento do corpo outro – trilhando caminhos da sensibilização

O segundo encontro do projeto Contradança em 2011 foi marcado pela experiência de sentir-se outro (Figura 2). Situações que proporcionaram experimentar o corpo com algumas limitações, tais como não enxergar, não ouvir e não caminhar, provocaram intensa discussão a respeito do que entendemos como limitação, deficiência, possibilidade e superação. Apoiada pelos princípios da educação estética, nossa intervenção focou a sensibilização dos sujeitos para reconhecer a beleza e as possibilidades dos corpos.



Figura 2: Registro do 2º encontro – Caminhos da sensibilização.

Fonte: Dados desta pesquisa.

Nosso entendimento de belo remete às ideias de Schiller, discutidas por Saraiva (2012, p.19), para o qual a beleza “não é algo que se configura numa forma (*Gestalt*) qualquer, e somente a sensibilidade humana pode experimentar essa forma e fazê-la viva em nosso entendimento; o que é sentido e entendido como belo será beleza”.

Por isso entendemos ser importante a vivência de situações que remetem a sentir, pensar e agir de diferentes formas, ampliando as sensações corporais e permitindo construir novos olhares sobre nós mesmos, sobre nossas limitações e potencialidades. Apresentando a intrínseca relação entre corpo e sensibilidade, Galeffi (2007, p.98) argumenta que “sem corpo não há sensibilidade, sem sensibilidade não há corpo. Toda sensibilidade, assim, é corpo vivente: *modo de ser do que é em seu acontecimento anímico*. A sensibilidade é o sentido do corpo. Tudo o que vive é sensível de múltiplas maneiras”.

Um dos objetivos do segundo encontro foi perceber como os professores se sentem ao vivenciar as situações de limitações corporais. Para isso, perguntamos como foi passar por essa experiência. Algumas das respostas dadas pelas professoras remetem à experiência singular de colocar-se no lugar do outro<sup>5</sup>: “foi muito gratificante, única, pois temos dificuldade em nos colocar no lugar do outro (professora K – Apae); “Quando você vê é uma realidade, se colocar no lugar do outro é bem diferente” (professora A – Apae); “Foi um exercício de empatia e respeito

<sup>5</sup> Sabemos da impossibilidade objetiva de se colocar ou viver a vida do outro. Porém o exercício de alteridade, ou seja, o exercício de nos aproximarmos da forma de ser do outro, nos possibilita olhá-lo de forma mais sensível, reconhecendo sua forma/mo de ser e estar no mundo.

à diversidade” (professora S – Apae); “Neste momento senti mais dificuldade ou desconfortável, pois tentar pensar ou agir como o outro não é uma tarefa fácil, expressá-la é ainda mais” (professora V – Apae); “Foi muito importante para saber como o outro é importante na nossa formação do ser humano, do diferente (professora F – Apae); “Se colocar no lugar do outro é fundamental, principalmente para compreendermos que cada sujeito tem sua particularidade, com muitas possibilidades e habilidades” (professora D – Adevosco).

Essas respostas contribuem para pensar que poucas vezes, nas ações cotidianas, paramos para “estranhar” ou apreciar aquilo e aqueles que fazem parte da nossa rotina. Percebemos que a necessidade de produção exigida pelo mundo contemporâneo afeta também as relações pedagógicas e pessoais. Há urgência em tudo, sempre há a sensação de que muitas coisas ainda estão por serem resolvidas. Nisso, a urgência para as coisas solapa nossa urgência para as pessoas, para o tempo de contemplação ao sujeito outro, tempo este que nos possibilitaria aprender com o outro e a admirar suas singularidades.

Outras respostas deram indicativos de que a dança foi compreendida para além do simples gesto motor. Ela implica o corpo como totalidade presente no instante da dança. Nesse sentido, a professora M (Apae) relata que nesse momento “foi interessante perceber que pequenos gestos, olhares, representam expressões que se transformam em movimentos da dança”. Para a professora B (Apae), “a dança ocorre dentro de cada ser dançante independente da limitação do físico. A empatia ocorre devido à sensibilização que ocorre no momento da troca. Sempre nos superamos e contribuímos com os outros”.

Por fim, alguns relatos sugeriram que a experiência ofereceu oportunidades de se redescobrir, implicando em uma atitude diferente com relação a pensar e perceber o outro. Para a professora E (Adevosc), a experiência “foi bem marcante, pois foi algo que nos fez pensar e agir como se estivéssemos no lugar do outro, fazendo-nos entender que nem sempre tudo o que é fácil para mim será para o outro. Cada corpo é um corpo que possui suas particularidades”. Para a professora B (Adevosc), “foi um momento rico, porque vivenciar estes limites nos fez pensar e viver mesmo que por alguns momentos como é o dia a dia do outro, ao mesmo tempo descobrindo as possibilidades nas limitações/restrições”.

De modo geral, as respostas deram indicativos de que a experiência provocou estranhamentos e sensações nem sempre confortáveis, mas profundamente enriquecedoras, como expressa a professora G (Adevosc), para a qual a vivência “provocou pensar em nossas ações”. Isso permite concluir o que Almeida (2001, p.124) pontua: “a cada nova experiência o corpo se remodela, possibilitando novas percepções de mundo [...] todo novo corpo é um novo sujeito no mundo”. Ou, ainda, podemos concordar com Marcuse (apud Saraiva, 2012, p.30) quando afirma que a arte, neste caso a arte da dança, “não pode mudar o mundo, mas pode contribuir para a mudança da consciência e impulsos dos homens e mulheres, que poderiam mudar o mundo”.

Essas reflexões levam a pensar a dança como possibilidade para/de todos os corpos. Ela se basta na sua materialização singular e sensível do corpo-sujeito que a sente, que a vive, criando, a partir dessa experiência, novas perspectivas de (re)conhecimento da beleza do outro corpo, independente da sua condição corporal.

### 3.3 3º Encontro: dançando com a diversidade

A dança como possibilidade de todos os corpos sustenta-se na singularidade e sensibilidade de cada corpo-sujeito que dança. No entanto, para quem dança buscando um padrão de corpo perfeito, o ato de dançar ainda sustenta-se na padronização de movimento e de corpo, o que nega a possibilidade de ser-corpo dançante na sua singularidade e na maneira de ser e estar no mundo. Contudo, para quem dança enquanto corpo-sujeito que é, essa experiência se torna um ato sensível e significativo.

Buscamos, no terceiro encontro, experimentar as possibilidades coreográficas a partir dos elementos de criatividade, sensibilidade e expressividade (Figura 3). As vivências anteriores deram suporte para esta nova etapa do processo. Foi o momento de compartilhar ideias,

sensações, movimentos e os outros corpos. Nossa intenção foi identificar como os participantes sentiram-se no processo de pensar, sentir, fazer dança.



Figura 2: Registro do 3º encontro – Dançando com a diversidade.

Fonte: Dados desta pesquisa.

Para a professora S (Apae), “a sensação foi de que todos nós somos criativos, iguais e diferentes, isto é: a beleza da dança”. Ainda, o sentimento para a professora D (Adevosc) foi de ter capacidade “criadora de uma coreografia que tinha significado para mim”; e que isso permitiu aos participantes perceberem que “todos têm possibilidade de criar, de dançar” (professora G – Adevosc), “basta nos permitir” (professora B – Capp).

Merleau-Ponty (1999) argumenta que toda a experiência é fonte de conhecimento e possibilita novo olhar para o fenômeno, sendo esse novo olhar através do meu corpo singular e do que eu construo com ele.

As experiências de nosso corpo construirão a nossa existência, darão significados a nossos projetos e ao conjunto de processos vividos. Experiências de um corpo pensamento, de um corpo arte, de um corpo que dança. De um corpo singular e universal, por consequência de suas experiências e de seus projetos (ROSA, 2008, p.67).

Podemos compreender a dança como um fenômeno que, corporalmente manifestado, incumbe ao corpo a mediação entre o ser e o mundo em uma totalidade vivida. Para Kunz (2003, p.92, grifo do autor) “a dança é um fenômeno criado cuja presença vivida é uma *experiência* que faz emergir a reelaboração capaz de nos estimular muitas outras questões vitais para uma *nova experiência*”. A resposta da professora K (Apae) indica que o ato de dançar lhe faz sentir-se “criando, pensando e vivendo”, possibilitando que esse corpo dançante se sinta, como indica a professora J (Apae), “realizado com capacidade de experimentar novos desafios, principalmente pensando em nossos alunos”.

A dança é uma linguagem corporal de um texto cultural que permite ao corpo-sujeito expressar sentimentos e sensações por meio do se-movimentar intencional, expressivo e singular. Neste sentido, a professora D (Capp) expressa: “me senti mais valorizada e importante: eu também posso dançar!”.

Gaio e Góis (2006, p.19) argumentam que todo corpo pode dançar, quando acreditamos que a dança existe como uma expressão própria do ser humano e que esse ser humano de forma individual ou em grupo, por meio de movimentos não-verbais, expressa suas ideias com objetivos de denúncia ou libertação de algo. Segundo as autoras, “a dança pode ser linguagem, para construção de uma nova cultura, de uma nova sociedade, de um novo mundo”.

Acreditamos que a dança abre caminhos para (re)elaboração e (re)leituras de mundo por meio das relações que ela nos permite compor com o espaço, o tempo e os outros corpos, difundindo a ideia de que o que nos enriquece, enquanto seres humanos, é a diversidade de situações e de sujeitos com os quais nos encontramos ao longo da vida, ou ainda, com a diversidade de corpos e de danças.

## 4 Reflexões finais: a dança e a extensão universitária em cena

Acreditamos que a dança possibilita outra forma de ser e estar no mundo, provocando uma ampliação na/da vivência do corpo em movimento nas suas variadas formas e significações alicerçadas pela capacidade expressiva e intencional do movimento.

A relação de cada pessoa com a dança é algo diferenciada conforme sua vivência subjectiva e a realidade social. Ambas se reflectem na atribuição de significados que a pessoa faz, de forma que ela tem sempre uma compreensão biográfica da dança: cada pessoa tem formulado o significado que a dança tem para si (KUNZ, 2003, p.107).

Dessa forma, as ações desenvolvidas pelo projeto de extensão Contradança foram traçando caminhos e encontros com a diversidade. As reflexões realizadas indicam a riqueza e a importância dos momentos dançados e discutidos, pois, como relata a professora B (Adevosc), “possibilitou aos profissionais perceberem e se perceberem enquanto sujeito-corpo que dança”, bem como, “foi desafiador, em especial a oportunidade de se colocar no lugar do outro, respeitando-o” (professora D – Apae).

Em todos os encontros nos preocupamos em provocar reflexões que transcendessem a ideia de pensar a dança como um simples movimento mecânico, mas como fenômeno repleto de vida, pois quem dança é sempre um corpo-sujeito, com toda a implicação que há nisto. A realização de (re)leituras do que (re)conhecemos como corpo/movimento/dança trouxeram novas possibilidades, como aponta uma professora da Adevosc: “briguei com um certo ‘preconceito’. Entendi a experiência sem igual. Levo várias ideias, novas possibilidades para agir e interagir com meus alunos”.

Lançar outro olhar, olhar de forma diferente ao que acontece ao redor, no espaço que estamos inseridos, implica abrir possibilidades para que a “beleza estranha” ou o incomum apareça aos olhos. Acreditamos que os encontros contribuíram para a construção de olhar(es) capaz(es) de perceber, ser tocado e sensibilizado pelo movimento próprio e do outro e pela dança que emerge dos diferentes corpos em movimento. Para uma professora da Apae, este projeto “mostrou novas possibilidades nas quais todos podem dançar”; e, principalmente, fez perceber que para/na dança “não há limites e que é possível vencer barreiras. Algo comovente e ao mesmo tempo surpreendente, pois nota-se o quanto há superação da parte dos nossos educandos, pois apesar de todas as dificuldades, nos surpreendem a cada dança” (Capp).

Os resultados das intervenções reforçaram nossa crença de que a dança possibilita ao ser humano uma compreensão de mundo de maneira diferenciada, ou seja, é um aprendizado que se alcança por meio do saber-sentir e pelo se-movimentar. Enquanto arte vivida, a dança provoca ao corpo-sujeito formação de um “ser” mais crítico, sensível, criativo e atuante na sociedade que o envolve, pois podemos entender que vivenciar a dança é um meio de buscar em si mesmo, por meio dos movimentos corporais, a plenitude da vida (ROCHA, 2008).

Entendendo a dança como espaço de respeito e manifestação da diversidade, como caminho para o encontro com outros corpos-sujeitos, podemos trilhar tempos e movimentos pela ação intencional e nos descobrimos enquanto sujeitos dançantes e atuantes no mundo. Podemos potencializar a dimensão denunciadora e crítica da dança, desenvolvendo a sensibilidade de quem a aprecia, de quem a produz e, principalmente, de quem a sente, indiferentemente da maneira de senti-la.

Com as intervenções do projeto, aprendemos que todos necessitam do outro e que o outro tem papel fundamental na nossa constituição. As experiências que travamos com outros se inscrevem em nossos corpos, nos ensinam, nos alimentam. Constatamos que todos os participantes saíram alimentados de movimentos, de reflexões, de dúvidas e de estranhamentos. Acreditamos que este seja o desafio das ações extensionistas: promover articulações com a teoria e a prática, construindo diferentes saber-fazer. No projeto Contradança, a dança é o caminho para a promoção de encontros com o sensível, o vivido e o(s) sentido(s); a dança é o caminho para uma educação que tem como objetivo principal a constituição de sujeitos capazes de olhar e reconhecer no outro um pouco de si mesmos e, desta forma, compreender que a (in)diferença que diminui o outro também diminui o sujeito que olha, pois ele está incapaz de reconhecer e respeitar o outro em si.



## 5 Referências

ALMEIDA, Marcus Vinicius Machado de. A sagração da primavera ou a sagração de um corpo do artifício. In: SOTER, Silvia; PEREIRA, Roberto (Org.). **Lições de dança 3**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2001.

GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica Freitas. Dança, diversidade e inclusão social: sem limites para dançar!. In: TOLOCKA, Rute Estanislava; VERLENGIA, Rozangela (Org.). **Dança e diversidade humana**. Campinas: Papyrus, 2006.

GALEFFI, Dante Augusto. Educação estética como atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 77, p.97-111, jun. 2007. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1175/1074>>. Acesso em: 16 set. 2007.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. São Paulo: Papyrus, 1994.

KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. **Dança e gênero na escola**: formas de ser e viver mediadas pela Educação Estética. 2003. 441 f. Tese (Doutorado) - Curso de Motricidade Humana na Especialidade de Dança, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2003.

MELO NETO, José Francisco de. Extensão universitária e produção do conhecimento. **Conceitos**, João Pessoa, v. 5, n. 9, p.13-19, jan./jun. 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROCHA, Deizi Domingues da. **Caminhos e possibilidades**: uma proposta de dança na perspectiva educacional para pessoas com deficiência visual. 2008. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Comunitária Regional de Chapecó, Chapecó, 2008.

ROSA, L. Uma experiência fenomenológica: o corpo que dança. In: XAVIER, Jussara Janning; MEYER, Sandra; TORRES, V. (Org.). **Coleção dança cênica**: pesquisas em dança. vol.1 Joinville: Letradágua, 2008.

SARAIVA, Maria do Carmo. Educação estética: o prólogo da dança-arte-educação: uma leitura em Schiller, Adorno e Marcuse. In: SARAIVA, Maria do Carmo; KLEINUBING, Neusa Dendena (Orgs.). **Dança**: diversidade, caminhos e encontros. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

TEIXEIRA, L. Conscientização do movimento. In: CALAZANS, Maria Julieta Costa; CASTILHO, Jacyan; GOMES, Simone (Coord.). **Dança e educação em movimento**. São Paulo: Cortez, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TREBELS, Andreas H. A concepção dialógica do movimento humano: uma teoria do "se-movimentar". In: KUNZ, Elenor; TREBELS, Andreas H. (Org.). **Educação física crítico-emancipatória**: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 2006.